

## O FEMINISMO NÃO MORREU – AS RIOT GRRRLS EM SÃO PAULO

### FEMINISM IS NOT DEAD – RIOT GRRRLS IN SÃO PAULO

#### **Resumo:**

Este artigo busca compreender aspectos do feminismo jovem no Brasil contemporâneo a partir da análise da cultura juvenil *Riot Grrrl*, na cidade de São Paulo. Vinculada ao universo do rock, as jovens garotas *riot grrrls* associam música e política para construir práticas e linguagens feministas, em especial as que incidem o universo da juventude.

**Palavras-chave:** Feminismo. Cultura Juvenil. Juventude. São Paulo.

#### **Abstract:**

This article intends to understand aspects of young feminism in contemporary Brazil on the basis of analysis of *Riot Grrrl* youth culture, in São Paulo. Linked to world of rock, riot grrrls combine music and politic to build feminist practices and languages, especially those that affect the youth.

**Keywords:** Feminism. Youth Culture. Youth. São Paulo.

---

**Érica Isabel de Melo**

Doutoranda da Universidade Federal de Goiás

E-mail: ericaisamel@hotmail.com

Em uma conjuntura em que há a predominância da ideia de que o feminismo é algo ultrapassado e que a noção de que as mulheres conquistaram o seu espaço se torna imperativo, sobretudo nos meios de comunicação (SAMPERT, 2010), parece oportuno analisar como e por que novas gerações de mulheres têm se aproximado dessa luta política considerando-a relevante na atualidade. Este artigo busca analisar uma das formas assumidas pelo feminismo jovem no Brasil contemporâneo, a cultura juvenil *riot grrrl*. Trata-se de uma cultura vinculada ao estilo de música *rock* composto por garotas que, ao associar música e política, questionam, denunciam e desconstruem as relações desiguais de gênero, em especial as relativas à juventude, e constroem linguagens e práticas feministas.

Analisar como esse feminismo, novo de cara e de formato, tem se constituído, quais são suas especificidades, suas perspectivas e seus anseios são os elementos que orientam este trabalho. Em outras palavras, pretende-se apreender o significado de feminismo para essas jovens mulheres engajadas e musicistas, ou seja, como essas jovens feministas têm se constituído, remodelando e apropriando-se do feminismo pautado nas experiências e visão de mundo da juventude. E neste sentido, busca-se ampliar a compreensão sobre o feminismo brasileiro na atualidade.

Ao considerar a categoria jovem, esta análise se insere nos debates que questionam a categoria mulher como homogênea e dotada de um valor próprio que fixa a oposição homem-mulher, passível de ser definida a partir das diferenças sexuais (BUTLER, 2003; FAUSTO-STERLING, 2002; SCOTT, 1995). Ao tratar também das concepções feminista da cultura *riot grrrl*, esta análise afirma não só a existência de mulheres como também de feminismos, no plural. Ou seja, busca-se adentrar nos debates das teorias feministas contemporâneas que problematizam temas como a possibilidade de um sujeito feminista e sua representatividade. As

particularidades que desafiam a categoria mulher – a mulher lésbica, a mulher negra e, neste caso, a mulher jovem, obrigaram o movimento feminista a repensar a unidade e a representação que propunham (BUTLER, 2003).

A opção pela categoria ‘cultura juvenil’ advém do fato de que se trata de um feminismo elaborado a partir de práticas culturais e cotidianas, configurando um ‘estilo de vida’, de um grupo específico de jovens ligadas à música *rock*. Dessa forma, o estudo está de acordo com a argumentação de Carles Feixa na qual o termo ‘culturas juvenis’ está voltado para as formas em que as experiências juvenis se expressam de maneira coletiva, mediante estilos de vida distintivos, identificados por meio do consumo de determinados produtos como roupas, música, adereços, formas de lazer, etc. (FEIXA, 1998).

Nesse sentido, as fontes analisadas para se identificar o feminismo *riot grrrl* são os materiais que normalmente envolvem o mundo do *rock*: músicas (cd’s, lp’s, músicas na internet), em especial as letras das músicas. Outra importante produção cultural *riot grrrl* também analisado é o *fanzine*, ou apenas *zine*. Oriundo da cultura *punk*, o *zine* é um tipo de publicação escrita, não comercializada, feita de forma rudimentar (todo o processo, da redação à divulgação, é feito pelas (os) próprias (os) *zineiras* (os)<sup>1</sup>). Seu formato é livre e geralmente há muitas colagens, textos digitados junto a textos escritos à mão e imagens e, não raro, não consta data de publicação. Depois de pronto, é copiado e distribuído. É o principal veículo de debate dentro da cultura *riot grrrl*, podendo tratar de assuntos relativos à música, críticas às desigualdades e aos preconceitos sociais, discussões políticas como anarquismo e feminismo. Antes da popularização da internet, os *zines* eram impressos e distribuídos ou trocados em eventos. Hoje, uma boa parte é virtual, os chamados *e-zines*, embora predomine ainda a

<sup>1</sup> *Zineira(o)* é uma categoria êmica usada entre as pessoas da cultura *rock* para referirem-se à aquelas(les) que produzem os *zines*.

produção feita nos ‘moldes antigos’.

Também foram feitas entrevistas com seis garotas<sup>2</sup> além de um trabalho de campo detalhado do *Lady Fest*, o principal evento por elas produzido, em São Paulo<sup>3</sup>, durante o ano de 2007. O *Lady Fest* é um festival de cultura feminista em que há música, discussões, troca de materiais, oficinas, mostra de vídeos e ocorre uma vez por ano. O primeiro foi realizado em Olympia (EUA) em 2000 e hoje há eventos *Lady Fest* em várias partes do mundo: México, Alemanha, Austrália, Suíça, África do Sul. No Brasil, até o encerramento desta pesquisa, em 2007, houve três edições, cada uma com um tema: em 2005 *Conhecimentos para Resistência Feminista*, em 2006 *É menino ou menina. Gênero: o machismo torturando nossa identidade* e em 2007, ano em que realizei a pesquisa de campo, foi *Tirando sua própria virgindade*.

### As garotas e o rock

Não acredito que nas atuais bandas hard-core<sup>4</sup> do subúrbio haja lugar para uma mina. O hard-core é o extremo do punk, exige uma estrondosa violência para sua realização. Força física na bateria, rapidez aguda no baixo e na guitarra, e o vocal tem que fazer frente a essa violência percussiva com muito volume e potência. Se tudo está então preparado para os homens, se hard-core é coisa de macho, então

2 Foram usados pseudônimos, com exceção das que falavam em nome de sua banda de música, por ser um dado de conhecimento público.

3 A presença da cultura juvenil *riot grrrl* no Brasil não está restrita à São Paulo, entretanto, o recorte da pesquisa de mestrado que originou este artigo se limitou a esta cidade. Abordagens sobre a cultura *riot grrrl* em outras regiões do país podem ser encontradas, no trabalho de conclusão de curso de Débora Cristina de Melo Rocha, UFSE, 2007 e na dissertação de mestrado de Fernanda Gomes Rodrigues, UnB, 2006, entre outros.

4 Refere-se a uma vertente da cultura *punk* que surge no início da década de 80 nos Estados Unidos. É mais comumente usado como uma variante do estilo musical *punk rock*, de tempos mais acelerados, canções curtas e letras de protesto social.

o que se passa com as minas, como elas estão se havendo por aqui? (CAIAFA, 1985: 109).

O trecho acima se refere à cena<sup>5</sup> punk dos anos 80 e é revelador quanto ao seu formato masculino, característica que sobrevive até os dias atuais. Ainda que a proposta que embasa a cultura *punk* seja a de contestação ao *status quo* (BIVAR, 2001; CAIAFA, 1985; ESSINGER, 1999), não é tranquila para as garotas a aproximação com essa cultura; para elas não basta que se identifiquem com o *punk*, como ocorre com os garotos, precisam também provar que são ‘viris’ como eles. As garotas são constantemente observadas na intenção de se descobrir se elas cumprem as expectativas exigidas pelo *punk*: conseguem tocar bateria com o mesmo peso que um homem? Empunhar uma guitarra com a mesma rapidez? Escrever em tom subversivo? Criar, assim, um ambiente hostil às garotas. Entretanto, este obstáculo a elas imposto se transforma em matéria-prima para questionarem e resistirem aos estereótipos de feminilidade como a fragilidade, a delicadeza e a passividade.

A cultura *punk*, portanto, oferece um paradoxo às meninas: por um lado o seu caráter libertário autoriza a participação delas, por outro são desautorizadas, ou pelo menos pressionadas, por sua composição majoritária de garotos e por suas características masculinistas. E é neste embate que algumas garotas encontraram uma brecha para manifestarem resistência à forma como as relações de gênero se instauram nessa cultura juvenil, questionar a posição que ocupam e construir novas formas de sociabilidade, dando início ao que conhecemos hoje como *riot grrrl*:

Punk rock não mais é apenas para garotos. Numa cena baseada em

5 Cena é uma categoria êmica usada para expressar o conjunto de atividades e manifestações dentro do ambiente *rock*, como a produção e difusão de músicas, os shows e os seus meios de divulgação, os *zines* e a sociabilidade.

progressão, resistência e rebelião, garotas olham em volta e acham que elas ainda são tratadas como cidadãs secundárias. A maioria (mas não todos) os caras olham para as garotas como conquistas sexuais, entretenimento, ou empregada para segurar suas mochilas de livros enquanto eles dançam. Todos se tornaram hipócritas, pregando ideais anti-sexistas, enquanto praticam o que eles estavam acostumados a fazer: Tratar garotas como eles tratariam suas mães ou como suas esposas – como propriedade. <sup>6</sup>(*Zine Riot Grrrl Online*)

A história da cultura juvenil *riot grrrl* se inicia nos Estados Unidos, em Olympia, em meados de 1990, quando duas *punks*, Kathleen Hanna e Tobi Vail, produziram o *zine Revolution Girl Style Now*. Pouco tempo depois, convidaram uma terceira *punk*, Katie Wilcox, para fazer outro *zine*, *Bikini Kill* que, mais tarde, deu nome à banda que hoje é considerada a ‘banda-mãe’ do *riot grrrl* (LEBLANC, 1999).

Junto ao *Bikini Kill*, outra banda também composta só por mulheres, *Bratmobile*, começa a organizar eventos *all-girl bands*<sup>7</sup>. A partir desse momento a configuração de uma cultura juvenil específica começa a tomar forma a partir de ideias como empoderamento e visibilidade das garotas por meio da música, incentivando umas às outras a tocar instrumentos e a formar bandas, uma vez que percebem o desestímulo provocado pela presença predominante de homens e pelas características

6 “Punk rock is not just for boys anymore. In a scene based on progression, resistance and rebellion, grrrls look around and find that they are still treated like secondary citizens. Most (but not all) guys look at girls as sexual conquests, entertainment, or attendants to hold their bookbags while they dance. Everyone becomes a hypocrite, preaching anti-sexist ideals, all the while practicing what they were brought up to do: treat girls like they would treat their mummies or even like wives - like property.” Texto publicado pelo *zine Riot Grrrl*.

7 Grupos musicais compostos apenas por mulheres ou garotas. As *all-girls bands* também são chamadas de *all women bands* ou ainda de *all-female bands*.

masculinistas do *rock*. Durante o trabalho de campo desta pesquisa, quando interrogadas sobre a reação dos garotos com relação ao surgimento das bandas de garotas, todas as entrevistadas foram unânimes em dizer que quando eles gostavam da banda a frase mais recorrente era – é –: “nossa, elas tocam como homens!”.

O termo *riot grrrl* aparece pela primeira vez em um *zine* de Tobi Vail, *Jigsaw*, publicado em 1993. *Riot*<sup>8</sup> significa revolta, motim e *grrrl* é a um só tempo, um trocadilho com a palavra *girl* (garota) e uma onomatopeia semelhante ao barulho de ranger de dentes, uma expressão de raiva.

A partir dessas duas ideias iniciais norteadoras da cultura juvenil *riot grrrl* - de empoderamento e de visibilidade das garotas – abre-se um leque para vários outros temas e práticas que dão o tom para essa cultura. Primeiramente, encontram no feminismo a forma de se articular e de se expressar que as respaldem nesse novo rearranjo do mundo do *rock* que elas propõem. Para garantir esse empoderamento, a estratégia é o fortalecimento da autoestima das garotas, prejudicada devido às assimetrias de poder entre os sexos. Assim, suas ações são voltadas para o estímulo da união, a sororidade feminina e, dessa forma, poderem discutir e trabalhar suas demandas: “*You’re a big girl now. You’ve got no reason not to fight. You’ve got to know what they are. For you can stand up for your rights. Rights? Rights? You DO have rights*”<sup>9</sup>.

8 **riot** n 1 [C] a situation in which a large crowd of people are behaving in a violent and uncontrolled way especially when they are protesting about something. *The army were called in to put down the riot.* / **race riot** (=between people of different races) *Ethnic tensions led to a massive race riot.* 2 **a riot of colour** something with many different bright colours: *The garden is a riot of colour in May.* 3 **run riot a** if people run riot, they behave in a violent, noisy, uncontrolled way: *Demonstrators are running riot through the town.* **b** If your imagination, thoughts, etc run riot, you cannot control them. (...)**riot** v [I] if a crowd of people riot, they behave in a violent and uncontrolled way, for example by fighting the police and damaging cars or buildings. *Students were rioting in the streets.* In: Longman Dictionary of Contemporary English. 3<sup>rd</sup> Edition. Longman: England, 1995.

9 Banda *Bikini Kill*, música *Double Dare Ya*, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NH-9Pow-2oE> . Último

(Banda *Bikini Kill*, música *Double Dare Ya*).

A construção de redes de comunicação dentro das culturas juvenis que estão fora do *mainstream* (como o *punk* e o *riot grrrl*) é extremamente importante. Uma vez que não contam com o suporte financeiro de gravadores, de revistas especializadas para divulgação, é preciso bastante criatividade para que os materiais circulem de forma independente, ou *underground*, como preferem se referir. Em geral, se percebe certos mecanismos de solidariedade, os *zines* se comprometem a divulgar uns aos outros, a divulgar os trabalhos das bandas ou mesmo contatos pessoais daquelas/es que desejam estabelecer amizades ou debater ideias. Assim, a movimentação *riot grrrl* que surgiu nos Estados Unidos não tardou a chegar ao Brasil e no mundo. O *Ladyfest*, por exemplo, que é o festival mais importante dessa cultura juvenil onde ocorrem apresentações de bandas, oficinas e debates acontece em mais de vinte países<sup>10</sup>.

A banda *Dominatrix* é reconhecida por ser a precursora do *riot grrrl* no Brasil, em meados de 1995, conforme nos diz Elisa, guitarrista e vocalista da banda, em entrevista. A partir daí, o número de bandas e de *zines* com temáticas feministas não parou de crescer. *Kit Kat Club*, *Pin Ups*, *TPM*, *Hats*, *Kólica* foram outras bandas que participaram do início da construção dessa cultura feminista juvenil em São Paulo. Os *zines* são numerosos, entre os primeiros estão o *Girl's Choice*, o *Kaóstica*, o *Descarga*, o *Girls Unity*, entre outros.

A produção musical e escrita da cultura *riot grrrl* é farta. Em um ambiente em que todas são convidadas e incentivadas a se expressar e a produzir, observa-se um cenário em que não há uma separação clara de quem é autora ou leitora de *zines*, de quem é banda e de quem é plateia: muitas são uma e outra coisa. A livre expressão de ideias é incentivada: através das letras das canções se verbaliza uma questão, dos

instrumentos musicais temos um som inconformado, dos *zines* temos textos politizados, com opiniões diversas. Uma boa forma de pensá-la é a partir do lema herdado da cultura *punk* do ‘faça você mesmo’, que está ancorada em princípios libertários e anarquistas, apoiada em práticas como autogestão e horizontalidade. Para Chidgey (2007), as *riots grrrls* e seus *zines* representam um marco na mídia feminista, pois foi a primeira geração a escrever livremente, em seus próprios termos, características da expressão e do ativismo da terceira onda.<sup>11</sup>

### **Cultura juvenil feminista – linguagem e personalidade**

Um dado importante desse feminismo é o seu caráter jovem. Tanto em idade – a média é entre 13 e 25 anos – como nos temas e atividades que desenvolvem. Trata-se de uma grande inovação para o feminismo, pois, ainda que sempre houvesse mulheres jovens nas organizações feministas em geral, nunca houve jovens feministas, no sentido de uma pauta específica para este segmento. Suas questões sempre se voltaram para a mulher adulta: creches, salários, licença maternidade, paridade parlamentar, entre outros e a questão da infância e da juventude foi tratada na medida em que envolvesse o universo adulto.

A música e a linguagem são, provavelmente, as responsáveis pela adesão dessa parcela de mulheres jovens e é o que diferencia o *riot grrrl* de outros feminismos, de formatos mais sisudos. O *riot grrrl* não rejeita a diversão, contrariando o formato sério que normalmente acompanha as lutas políticas:

Geisa e Elisa, intercalando suas falas,

acesso em 20 de maio de 2012.

10 [www.ladyfest.org](http://www.ladyfest.org), último acesso em 20 de maio de 2012.

11 Muitos estudos que retomam a história do feminismo costumam periodizá-la em ondas: a primeira se encontra entre o fim do século XIX ao fim da Segunda Guerra Mundial. A segunda onda começa no fim dos anos 60, concomitante aos movimentos de contracultura. E a terceira onda a partir dos anos 80, com as novas teorias críticas de gênero que questionam a categoria unificadora ‘mulher’. (PINTO, 2003. GONÇALVES, 2007).

explicaram, em poucos minutos, que o feminismo que estavam propondo busca o empoderamento das meninas. - Ressaltaram que isso só é possível quando a questão de fato faz diferença na vida dessas garotas. Que é importante que esse espaço feminista seja um lugar em que elas se sintam à vontade e que tenha a mesma linguagem delas. Daí a importância da música, pois ela quebra a dureza da política e faz com que o chavão “não gosto de política” seja rompido. É possível fazer política de forma mais divertida. E essa é a diferença entre esse feminismo jovem e outros feminismos tradicionais: a linguagem. Disseram também que o *Lady Fest* é o maior evento feminista jovem da América Latina (Caderno de Campo – Bate Papo de Abertura do Festival *Lady Fest* 2007).

Com uma linguagem própria, elas buscam seus temas em seu dia-a-dia. O cotidiano é a fonte de inspiração para as bandas e zines, além de ser o lugar da prática feminista. O tom biográfico é constante, é muito comum os textos dos zines começarem na primeira pessoa, com um tom pessoal ou um relato de um episódio ocorrido: “Tudo começou quando fui mal no vestibular e decidi dar um rumo a minha vida. Lançar um zine parecia uma boa idéia, dessas revolucionárias, que mudam o mundo, bem o que a gente quer.” (*Com texto zine*, #1, 2006)

Muitas vezes, as bandas também usam dessa pessoalidade, como num diálogo com a ouvinte: “Deixa de besteira, menina encanada, ou você se assume ou nunca será nada. Essa escravidão de moda e televisão, não te diz respeito, essa beleza vomitada. Pense por si só e não se diminua, olhe ao seu redor a vida continua. Seu corpo e sua cabeça serão respeitados” (Banda *TPM*, Música: Menina Encanada). Da mesma forma, é possível notar em

seu ativismo: Claudia Rom faz de sua banda *Santa Claus* uma militância contra o silêncio das mulheres com relação à violência sexual, em especial ao abuso sexual infantil:

Na Santa Claus eu fiz uma letra chamada *Lembranças Proibidas* que fala sobre o abuso sexual infantil que sofri em minha casa. E dentro da minha casa é impossível conversar sobre isso. Na época que eu fiz essa música, fiz uns panfletinhos com umas letras minhas e distribuí num barzinho gay. Quando eu voltei pra distribuir novamente, umas 7 meninas vieram falar comigo, cabisbaixas pra ninguém ouvir: “Ah, legal o seu projeto”, até chegar no assunto da letra *Lembranças Proibidas*. E aí, elas acabavam falando que elas tinham passado por isso e que ninguém nunca soube e que eu era a primeira pessoa a saber. Ou seja, precisou uma desconhecida chegar, escrever uma coisa dessas, mostrar pra elas, pra elas poderem falar. Porque como eu disse, eu não pude trabalhar isso comigo mesma, tive que ter a banda pra poder conversar sobre as minhas coisas e as coisas delas, falar e manter uma posição forte pra elas confiarem e poder conversar.

O feminismo, nesse contexto, aparece como algo espontâneo, como parte de suas vidas. Nas entrevistas, elas assumem ser feministas antes de qualquer outra afirmação; antes de ser do *rock*, antes de ser jovem, antes de ser lésbica, bi ou heterossexual e muitas vezes identificam a origem do feminismo em suas vidas antes mesmo de saberem o significado da palavra e nem mesmo ter um ativismo definido como o da cultura *riot grrrl*: “Eu uso o feminismo na minha vida, nas minhas ideias. Eu acho que é essa a revolução que eu quero.” (Joana, em entrevista). “Eu não decidi ser feminista, eu vi que eu era feminista.

Eu só não sabia. Eu era meio limitada ainda, mas o fato de eu sozinha, criança, ter falado ‘não!’ para o meu avô, para o meu corpo, foi o maior ativismo da minha vida. Sozinha.”(Alice, em entrevista).

Eu me identifico primeiro como feminista. Depois com o *riot grrrl* que eu acho que é uma sub-divisão do feminismo e tá ligado ao *punk* [...] Eu acho que é necessidade, no dia-a-dia acho que toda mulher sabe que o que toda mulher passa. Eu não consigo pensar em não ser feminista dentro da sociedade que a gente vive. (Isabela, em entrevista)

Por adotarem este feminismo do dia-a-dia e com uma linguagem jovem, esta cultura, por vezes, não se identifica com o feminismo organizado ou acadêmico. Alice, por exemplo, diz que uma vez foi em uma palestra sobre feminismo e não se sentiu incluída na discussão e também não entendeu o que aquelas mulheres queriam dizer por terem uma linguagem acadêmica:

[As feministas da palestra] falaram, falaram e eu fiquei lá só dando um tempo. Depois eu fui no meu primeiro *Lady Fest* e achei incrível! Rolou oficinas, as conversas, as palestras. Aí eu volto pra trás e vejo ‘pra onde eu vou de novo?’. Eu não vou mais pra aquele lugar que eu tinha ido [a palestra acadêmica] e vou de novo no próximo *Lady Fest*.

Elisa também reclama do descaso de alguns grupos feministas organizados com as feministas *riot grrrls*. Relata que a banda *Dominatrix* foi convidada para tocar em uma comemoração do 8 de março, em São Paulo, e que a banda não foi respeitada pelas organizadoras do evento que modificaram a agenda sem informar as integrantes da banda, diminuíram o tempo de apresentação também sem consultá-las e quando questionaram o por que desse tratamento

diferenciado já que elas também eram feministas, ouviram que o feminismo que elas faziam não era uma coisa séria.

O *riot grrrl* é inovador na questão etária e em seu formato como uma cultura juvenil específica. Entretanto, herda muitos dilemas de gerações feministas anteriores. Uma delas é a violência contra a mulher, uma preocupação recorrente e o assunto é muito abordado por elas e de várias maneiras. O *Bendita zine*, por exemplo, é um espaço virtual para que mulheres vítimas de violência sexual possam fazer seus relatos anonimamente:

Pretendendo acabar com o abismo entre os números produzidos por grandes corporações e as pessoas que diariamente sofrem. Acabar com o misticismo de que violência contra a mulher só é praticada em barracos sujos, por homens bêbados. Este projeto veio para mostrar que isso acontece muito mais do que imaginamos e, principalmente, bem embaixo dos nossos narizes. E para perceber isso não precisamos de estatísticas ou boletins policiais, precisamos simplesmente olhar com mais atenção ao nosso redor. O *Bendita* pretende mostrar às pessoas o que realmente acontece além desses dados superficiais, e esta é nossa contribuição para a luta contra a violência praticada à mulher. Pretendemos sim acabar com estes crimes e começamos por mostrá-los à sociedade.<sup>12</sup>

A prática de autodefesa para mulheres, o *wen-do*, é outro exemplo de como a questão da violência contra as mulheres está presente entre as *riots grrrls*. O *wen-do* não é algo exclusivo das *riots grrrls*, mas aderiram amplamente, havendo oficinas até mesmo

<sup>12</sup> <http://benditazine.tumblr.com/>, último acesso em 20 de maio de 2012.

no festival *Lady Fest*. A prática surgiu na década de 60, por meio de mulheres de uma família canadense que treinava artes marciais e, indignadas com um caso de uma vizinha que fora violentada, espancada e morta, desenvolveram técnicas específicas para que as mulheres pudessem se defender sem necessidade de força ou de condicionamento físico. Além da prática da autodefesa, é também “um espaço para que as mulheres possam entender as causas desse tipo de violência, partilhar suas experiências, fortalecer sua autoestima e descobrir a força que existe dentro delas mesmas”<sup>13</sup> (Coletivo *Wen-Do* SP). A partir daí, vários grupos autônomos, no mundo todo, fazem oficinas aplicando as técnicas. No Brasil, há coletivos de *wen-do* em Salvador, em João Pessoa, em Curitiba e em São Paulo. O formato do treinamento reúne práticas já antigas no feminismo como, por exemplo, a frase “Não é não”, tão conhecida no feminismo brasileiro a partir das denúncias de violência doméstica, que ocupou toda a década de 80 e desembocou na criação do SOS Mulher e depois nas Delegacias da Mulher. Outra semelhança é o formato da oficina, que muito se parece com os grupos de reflexão, em que se estimula uma análise a partir de relatos pessoais.

A oficina *Consenso Sexual para Jovens Lésbicas*, outra atividade *riot grrrl* que aborda a violência, é reveladora ao trazer à tona que a violência doméstica não é exclusiva dos casais heterossexuais, que pode ocorrer também em relacionamentos afetivos entre duas mulheres. Trata-se de um viés que, ao colocar a mulher também no papel de agressora, se contrapõe ao tradicional discurso feminista que trata a questão em termos de vítima/opressor – mulher/homem. Essa oficina causou tamanho impacto dentro do feminismo em geral, que as garotas que a realizam foram convidadas para ministrá-la no 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, em outubro de 2005. Também ganhou o *Prêmio*

13 <http://uniaodemulheres.org.br/blog/page/14/>, último acesso em 20 de maio de 2012.

*Cidadania em Respeito à Diversidade*, na categoria Inovação, da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo (APOGLBT SP), em 2006. Um trecho introdução do relatório dessa oficina:

Viver situações de envolvimento sexual/afetivo faz parte do nosso dia-a-dia, falar sobre isso também deveria ser natural. Mas nem sempre é assim. Em relações heterossexuais, a idéia de estabelecer limites já é amplamente discutida no movimento feminista, mas será que esses limites ficam tão claros assim nas relações entre duas garotas? Analisar essas relações, combater o machismo e criar mecanismos que tornem possível o diálogo é o desafio da oficina de consenso sexual para jovens lésbicas.<sup>14</sup>

### Sexualidades e Gêneros – Desestabilização das identidades fixas

Como se pode deduzir por essa oficina *Consenso Sexual para Jovens Lésbicas* há uma presença significativa de lésbicas entre as *riots grrrls*. Tanto que se fala até mesmo em uma vertente *riot grrrl*, o *dyke*<sup>15</sup> *rock*, que é como define a banda *Bonsai Kittens* em uma entrevista em sítio virtual<sup>16</sup>, uma “cultura feminista sapatão”. Para além do protesto contra a homofobia via reivindicações de direitos, sua resistência se dá através da construção de uma cultura de mulheres. Para Camargo (2011), a presença das *dykes* e a recorrência maior de temas feministas e de sexualidade representa uma segunda

14 O sítio do Quitéria não está mais disponível atualmente, entretanto os dois sítios a seguir se referem a este portal feminista: <http://www.youtube.com/watch?v=KtYW2zexs8s> e <http://www.sk8.com.br/br/conteudo.asp?cn=100&ct=1014>, último acesso em 20 de maio de 2012.

15 Originalmente uma gíria pejorativa, que relacionava lésbicas a “mulheres masculinas”, algo próximo de “caminhoneira” na gíria brasileira. O termo foi reapropriado afirmativamente pelas lésbicas.

16 <http://www.obaoba.com.br/brasil/magazine/entrevista-the-bonsai-kittens>, último acesso em 20 de maio de 2012.



geração das ‘minas do rock’, que ela situa entre 2004 e 2007. Antes disso, os temas eram mais variados e se mesclavam com outros como vegetarianismo, além de ser marcado por um esforço de definição do que vinha a ser *riot grrrl*.

Projeto Sapataria não é apenas uma festa para meninas, mas um espaço de exposição da cultura dyke que a cada dia mostra mais a cara no cenário urbano contemporâneo. Estamos aqui para mostrar que as sapatões têm uma tradição própria que, nos silêncios de uma lenda mal contada, resiste e se alastra, legando ao mundo uma história real e única de mulheres independentes e criativas que nunca se contentaram em vestir os rótulos de passividade e submissão.<sup>17</sup>

Outro exemplo é o *Alastras*, um *zine* de crônicas urbanas sobre o amor entre mulheres. As questões que permeiam a construção de uma identidade lésbica como visibilidade, consolidação de um espaço em que uma cultura própria possa ser vivenciada estão muito presentes na cultura *dyke* paulistana e estão pautadas pelo feminismo da cultura *riot grrrl*.

As falas e práticas *riot grrrls* identitárias acerca da homossexualidade e da heteronormatividade flertam muitas vezes com a possibilidade de não se ter uma identidade. Metade de minhas entrevistadas se assume bissexual e a questão para elas é a possibilidade de sexualidades que não sejam fixas, nem definidas, como afirma Isabela: “Você não se apaixona por um sexo, você se apaixona por uma pessoa”. Bem poucas se definem apenas como heterossexual. As raízes da presença dessa reivindicação no cenário *riot grrrl* estão tanto na ideologia *punk* quanto no feminismo, já que ambos

17 <http://sapataria.webs.com/projetosapataria.htm> Esse projeto surgiu no fim de 2007. Assim como ele, há dois outros eventos-festas atualmente em São Paulo com o mesmo caráter de visibilidade da cultura dyke. Um é o “Tête-à-tête” e o outro “Chá com Bolachas”. Último acesso em 20 de maio de 2012.

condenam o preconceito por orientação sexual.

A abordagem da sexualidade, conforme observado no material pesquisado, é orientada a partir de princípios como o respeito às diferenças individuais, como fica bem claro nessa passagem: “Precisamos acabar com o preconceito e criar um ambiente de igualdade, onde diferenças não sejam motivos de opressão. Infelizmente, ainda não existem fórmulas mágicas para que isso aconteça, mas façamos nossa parte.” (*zine Liberta-te Maria*, p. 7).

O texto publicado no *zine Crime do Amor Louco*, #2, intitulado “Hino à boa e velha ultraviolência”, questiona profundamente a aplicação do conceito de heteronormatividade, segundo o qual a prática heterossexual é a única expressão afetivo-sexual aceitável, como sendo um princípio castrador da liberdade sexual:

Ordem completa: seja hetero!  
A sociedade é que manda. Seja Hétero! Esse é o ideal de felicidade, de alegria e maturidade. Ser hetero. Quem é hetero. Quem é hetero? Eu? Você? Meu pai? Seu pai? Todos somos Hetero??? Será? Não! Não somos. Eu não sou. Você não é. Minha mãe não é. Nossos pais não são. Você não é a sexualidade. Você vive nela. Nada é hetero. Nada é homo. Mas todo prazer é felicidade pura. É auto-satisfação. Que se dane o padrão heterossexualista. Seja você! Agora! Dê! Coma! Chupe! Beba! Seja você. Viva você mesmo. A vida é sua. O prazer é seu. Viva seu prazer. Essa é uma das poucas liberdades individuais que nos resta. As outras são felicidades de consumo, queira você ou não. Seja hetero. Seja homo. Seja bi. Seja o que quiser. Invente. Crie uma nova categoria. Você pode.

Acompanhemos a autodefinição de algumas bandas do cenário *riot grrrl* em que se pode notar

uma fuga do fixo, dos espaços dados socialmente: Cínica: “banda de quatro meninas que fazem punk rock dançante mixando em suas músicas identidades tanto masculina quanto feminina em um mundo cheio de padrões e classificações”.

Siete armas é: rock n’ roll psicodélico suburbano dançante assexuado margina-apaixonado tensodramático multicolor libertário anárquico libertino herege eloquente astrológico multiétnico galáctico-espacial texano budista ecológico universal pró-alma veggie-macrobiótico ocidental contraditório mutante renascentista impressionista pós-moderno cinematográfico praiano interiorano-paulistano e blues.<sup>18</sup>

Percebemos nesses atos performáticos, que desliza entre o masculino e o feminino, uma desestabilização das identidades estáveis e fixas de gênero. E, ainda, ao rejeitar ou caricaturizar noções tidas culturalmente como femininas e inatas às mulheres como docilidade, meiguice, fragilidade, elas subvertem a noção de gênero comumente associada à socialização das garotas.

Em um outro exemplo, que aparece no zine *Megafemme* (#1/outubro de 2006), a *zineira* também expressa uma ruptura com a idéia de identidade fixa e de diferenças essenciais, embora de uma forma diferente dos exemplos anteriores. Há uma aceitação não crítica do que é masculino e do que é feminino. Porém, o que essa reconstrução de diferença traz de novo é o corpo onde as características sociais de masculino ou de feminino se manifestam: a mulher pode assumir a ambos:

18 Definição encontrado no perfil da banda no site de relacionamentos Orkut: <http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=31684549>, último acesso 20 de maio de 2012.

*Butches* não são mulheres que desejariam ser homens. *Butches* são mulheres que se sentem mais à vontade com comportamentos tidos como masculinos. Sequer são sempre lésbicas, visto que muitas mulheres heteros preferem esse mesmo jeito simples e direto de se expressar e vestir.

*Femmes*, do mesmo modo não são mulheres à espera de um homem pra lhes mostrar as maravilhas da vida heterossexual. *Femmes* são mulheres que se sentem atraídas por mulheres e ao mesmo tempo gostam do papel tradicionalmente feminino criado pela sociedade. Muitas vezes, *femmes* se sentem atraídas por *butches* e vice-versa, mas simplesmente porque esta parece ser uma boa combinação de energias e não porque desejem imitar modelos heterossexuais.

Facchini (2011) conceitua tais atuações como transgressões estéticas e, para ela, é um dos elementos mais significativos no ativismo das garotas, pois ao observá-las atentamente é possível entrever que se trata de um feminismo polifônico, ou seja, não se pode definir um único tipo de entendimento e de prática feminista entre as *riots grrrls* - que ela denomina “minas do rock”-, mas uma variedade de vozes e de subjetividades<sup>19</sup>.

A ideia de diferença essencial é desconstruída por Scott (2000), seguindo a linha da linguística

19 Em minha dissertação de mestrado, trabalho original em que se baseia este artigo, afirmo a existência de uma identidade feminista *riot grrrl*. O termo identidade foi usado na busca de reunir características que pudessem particularizar a cultura *riot grrrl* e o uso do termo feminista foi no sentido de expressar que se trata de uma cultura constituída e amparado por ideias feministas e não necessariamente por constituírem um feminismo homogêneo. Ainda que eu mantenha a afirmação de que podemos particularizar as *riots grrrls* como um grupo, considero que a categoria ‘cultura juvenil’ é suficiente para este intento e estou de acordo que no que tange ao seu feminismo o termo “feminismo polifônico” é mais apropriado, conforme conceitua Facchini, para expressar a variedade de fontes, de compreensões e de práticas feministas expressas por essa cultura juvenil.

estruturalista de Saussure. O conceito de diferença é baseado na noção de que o significado é construído através do contraste (que pode ser implícito ou explícito) e trabalha com o argumento de que uma definição positiva se apoia em sua negação ou na repressão de algo que se representa como antitético a ela:

As oposições se apóiam em metáforas e referências cruzadas; e no discurso patriarcal, com freqüência a diferença sexual (o contraste entre masculino e feminino) serve para estabelecer significados que não estão relacionados com o gênero ou o corpo. Dessa forma, os significados do gênero se vinculam com muitos tipos de representações culturais e, por sua vez, estas estabelecem termos através do quais as relações entre homens e mulheres são organizadas e entendidas. (SCOTT, 2000: 207-208).

Além disso, tais oposições fixas ocultam que os termos apresentados como opostos são, na verdade, interdependentes e hierárquicos: o significado de um termo depende de um contraste estabelecido, não de algo inerente ou de uma simples antítese.

Dessa forma, se o elemento masculinista do *punk* era antes intimidador para as garotas, agora elas se reapropriam dele no que concerne à sexualidade e ao gênero, ao mesmo tempo em que o desconstrói, desestabilizando as noções fixas masculino-homem, feminino-mulher reinventando as possibilidades do que uma mulher pode ser.

### **Empoderamento rock-feminista**

Essas construções de possibilidades estão envolvidas numa ideia de empoderamento das garotas. Ideia esta que parece nortear o que para elas, as *riot grrrls*, é o feminismo. A mostra de vídeos do terceiro festival *Lady Fest*, em São Paulo, é um bom

exemplo de como o empoderamento aparece e define a cultura juvenil feminista *riot grrrl*. Produzidos por várias garotas que se inscreveram para se apresentar, a maioria dos vídeos discutiu o tema do festival *Tire sua própria virgindade*. Outros abordaram também questões como homossexualidade e transexualidade, muitos enfocando os preconceitos e as discriminações que rondam os gêneros e as sexualidades.

Muitos vídeos foram produzidos por garotas que nunca tiveram contato com câmeras e filmagens antes e o fato de poderem apresentar seu material no *Lady Fest* se caracteriza como um incentivo para elas. É mais uma forma de trabalhar a ideia de que as mulheres são capazes e podem desenvolver as atividades que quiserem, de descobrir aptidões que são dificultadas ou negadas pela assimetria de poder entre as relações de gênero, de questionar padrões de gênero e de que as mulheres são pouco aptas a desenvolver atividades ligadas à tecnologia, por exemplo. Outro ponto alto desse estímulo ao empoderamento das garotas no *Lady Fest* é o domínio dos instrumentos musicais e a formação de bandas:

São ensinadas noções básicas de guitarra, cifras, pedais, equalizações, diferença entre timbres, sons para quem não tem experiência nenhuma no instrumento, tudo de uma forma bem funcional e prática. Tudo sob uma perspectiva de empoderamento feminista e roqueira no independente, é uma idéia que nasceu para encorajar meninas a desenvolverem plenamente todas suas potencialidades da vida através da música. Guitarra para meninas!! Venha se aventurar!! (Apostila da oficina de guitarra oferecida por Flávia dos Santos e Mayra Vescovi, da banda *Biggs*, realizada na terceira edição do *Lady Fest* em São Paulo).

Da mesma forma, as oficinas de outros instrumentos, as de noções de *skate*, as já mencionadas de *wen-do* e a do consenso sexual para jovens lésbicas, a apresentação das bandas, a exposição, divulgação e trocas de *zines* estão ancoradas na ideia de que unidas podem rediscutir e apresentar uma nova forma de se pensar as relações humanas de uma perspectiva feminista. Nesse sentido, o festival *Lady Fest* é um evento que concentra boa parte das atividades *riot grrrls*, uma fonte importante por revelar a dinâmica da cultura feminista *riot grrrl*.

É você inspirar e dar força pra quem quer começar. Porque mulher no rock é uma coisa que eu sentia falta. Porque eu gosto de rock, sou menina, eu toco. E o que eu via na tv? Via Charlie Brown, Titãs, só homem. Então, é isso que me encanta: uma menina passar a mensagem para mais meninas. Eu acho que inspira até de uma forma involuntária: uma “mina” te vê tocando, ela fala “puta, meu, essa mina tá tocando, eu também posso”. (Joana, em entrevista)

Várias atividades *riot grrrls* são exclusivas para meninas, somente os shows de bandas e a circulação de *zines* e de outros materiais escritos que são divulgadas de forma mais livre e são abertas aos garotos. Reconhecem como necessário um espaço de mulheres em que suas questões específicas de gênero possam ser trabalhadas por elas mesmas. O lugar de fala é colocado em destaque, posicionar-se, fazer valer o que pensa, questionando o silêncio que encobre várias demandas das mulheres, rejeitam o status de vítima e apostam em estratégias de novas sociabilidades de gênero: “Por que sou uma riot grrrl? Porque eu tomo iniciativa. Porque meu ideal de vida se baseia no respeito, não na passividade.” (Equality zine, #8, 1998).

“Não tolere, não aceite, não ignore, não deixe passar, não suporte, não agüente, não se cale! Grite!” (Descarga zine, #4, 1999). “Eu sou aquela ‘coisa sem vida’ que você achava que nunca iria se mover e agora você me crucifica porque eu ‘não me comportei’”. (Banda *Dominatrix*, Música: Perto demais para pular).

O empoderamento também passa por questões que apresentam um recorte juvenil. Os dois temas mais recorrentes nos materiais analisados são os que envolvem padrões de beleza e educação sexista. O Brasil é um dos países que mais faz cirurgia plástica por razões estéticas no mundo e as jovens ocupam parcela considerável nessa estatística (13% segundo a Associação Brasileira de Cirurgia Plástica, dados de 2007). Os distúrbios alimentares são cada vez mais recorrentes e têm se tornado uma preocupação para a sociedade têm como principais vítimas as jovens mulheres.

Há, portanto, certa imposição social de um determinado padrão de beleza voltado para as garotas, muito incentivado por uma mídia irresponsável, que se revela um tanto quanto violento. Obviamente, nem todas as garotas conseguem atingir esse ideal de beleza, comprometendo de forma negativa a construção de sua autoestima. E se a ideia da cultura juvenil *riot grrrl* é o fortalecimento das identidades das garotas, os padrões de beleza não poderiam passar incólumes: “Don’t buy a zine that says to you that you have to wear make-up” (Banda *Dominatrix*, Música: *No MakeUp Tips*). “Somos mulheres e não apenas corpos. Temos cérebros, não apenas seios. Somos mulheres e não utensílios. Fazemos o futuro e não apenas filhos. Somos mulheres e não vagabundas. Temos talento, não apenas bunda.” (Banda *Cosmogonia*, Música: Mulheres).

Em entrevista, Joana afirma:

É um lado B da história, que você não vê na TV, não vê na [revista] *Capricho* e que você pode ser diferente disso. Até então eu não

conhecia, eu não sabia que eu poderia ser do jeito que eu sou. Eu me senti livre pra ser o que eu era, e era isso que me faltava em tudo que eu tinha acesso. O feminismo me trouxe esse outro lado.

Há, em certa medida, uma ressignificação do que é beleza. Muitas vezes o *freak* e o estranho são o que elas desejam ser. Na verdade, a idéia é criar um ambiente em que os corpos se sintam à vontade, que as intervenções estéticas sejam feitas por prazer e não por imposição, ainda que se crie, muitas vezes, até mesmo um tipo de padrão interno:

Mesmo que quatro meninas do show estejam todas iguais, por exemplo, mesmo corte de cabelo, mesmo tipo de cinto, mesmo tipo de bolsa, mesmo que elas sejam parecidas, elas são diferentes do que elas foram obrigadas a ser quando saíram de casa. A mãe delas não ensinou a se vestirem daquele jeito, aposto! Então, é uma maneira de colocar pra fora uma coisa dela. Ela pode ter autonomia sobre o corpo dela, sobre as vontades dela. (Alice, em entrevista).

A educação diferenciada que as famílias oferecem aos meninos e meninas é alvo de questionamentos das *riots grrrls* por ser uma educação que trata as diferenças entre meninos e meninas como naturais, reforçando os estereótipos de gênero, moldando as (os) futuras (os) adultas (os).

As *riot grrrls* não vão apenas negar esse determinismo biológico, como vão também desestabilizar as identidades de gênero ao se reapropriarem das características tidas culturalmente como masculinas. Rejeitando a docilidade, meiguice, fragilidade como características inatas das mulheres, subvertem a noção de gênero associada à socialização das garotas.

As *Riot Grrrls* fazem questão de não serem mostradas como bonitinhas, fofinhas, sensíveis, comportadas. Elas defendem um novo tipo de feminismo mais agressivo, essas garotas batiam de frente com as antigas feministas que pregavam a não-violência. Tanto que fazem músicas falando de sexo, pornografia e vestem coturno com *lingerie*, e tão pouco se lixando para o que os outros pensam e sim para o que estão passando a outras garotas. O que elas passam? Que pelo fato de você ser mulher, não justifica você ser um ser totalmente vulnerável, meigo, cor-de-rosa e robótico, você é o que você quiser ser, mas seja! (Zine *Riot*, sem data)

Desde a década de 70, várias pesquisas vêm analisando a forma como a ideia de feminilidade, em especial os padrões de beleza, produz efeitos negativos na autoestima das adolescentes. Janis Bohan (BOHAN 1973 apud LEBLANC 1999: 10) analisou adolescentes brancas (os) de classe média nos Estados Unidos e verificou que as garotas têm um conceito de si menor do que seus pares masculinos. Essa lacuna na autoestima é também afetada pelo desenvolvimento físico das garotas, a imagem que elas têm de seu corpo está intimamente relacionada ao conceito de si mesmas. Carol Gilligan faz uma análise semelhante com relação à “voz” que as garotas têm. Para ela, as garotas vão perdendo esse poder à medida que vão amadurecendo, elas não apenas se tornam menos ouvidas, como sua fala se torna mais indecisa: “*As they mature, girls become less assertive, less confident, less vocal, and feel increasingly self-conscious dependent upon others’ approval in developing positive self-concepts.*” (GILLIGAN apud LEBLANC 1999: 11). Para Bohan, essa inferiorização está também relacionada com as expectativas de gênero. Quando as garotas percebem que a posição que irão assumir

como mulheres têm um *status* e um prestígio relativamente inferiores à do homem, o que o seu “sexo” presume para ela resulta numa diminuição correspondente na avaliação de si mesma. Ou seja, a adolescente aceita e incorpora o que está dado socialmente de que ela é inferior.

É não se limitar em ser mulher. É saber que você pode fazer o que você quiser. Isso é meio punk, mas é bem feminista também. Não é porque eu sou mulher que não posso tocar bateria, não é porque eu sou mulher que eu não posso trocar o pneu do meu carro. Eu acho que ser feminista é fazer o que estiver dentro de você. O que for seu dom, seu talento, não tem que se limitar a ‘eu sou mulher e não vai rolar’.  
(Alice, em entrevista).

### Considerações Finais

A partir desta pesquisa foi possível pensar na história das ideias feministas no Brasil e em como estas ideias estão sendo atualizadas pelas novas gerações. Desde a década de 1970 o feminismo discute as especificidades que atravessam as identidades de gênero e uma nova categoria vem ganhando força: a juventude. O feminismo *riot grrrl* se posiciona ao lado de outros grupos jovens que reivindicam visibilidade, reconhecimento de suas questões e até mesmo uma reflexão crítica das relações de poder e as hierarquias internas no próprio feminismo.

Alguns recentes eventos são úteis no entendimento de uma política feita por e para jovens mulheres feministas na América Latina. A título de exemplo, o manifesto produzido pelas jovens presentes no encerramento do IX Encontro Feminista Latino-Americano, em San José, Costa Rica, em 2002, marca as especificidades das mulheres jovens: “o modelo neoliberal e globalizador aumenta a violência

e afeta diretamente as mais jovens, especialmente o tráfico de mulheres, a pornografia na internet e a valorização da publicidade sexista”.<sup>20</sup> Além disso, o documento insiste na necessidade de um espaço próprio para a juventude.

Já no X Encontro Feminista Latino-Americano, essa demanda por espaço parece ter sido contemplada. Há representantes jovens na Comissão Organizadora e no Comitê Consultivo Nacional, além de debates e oficinas em torno da questão juvenil no feminismo<sup>21</sup>. Neste encontro, houve a participação *riot grrrl*, com a oficina *Consenso Sexual para Jovens Lésbicas*, ministrada por Geisa França e Elisa Gargiulo, militantes do Grupo Feminista Quitéria. Assim, suas demandas específicas colaboram na construção de uma proposta jovem no feminismo. As questões em si não são exclusivas das jovens, são temas que o feminismo sempre lidou, mas a condição jovem e geracional não perpassava a condição de mulher, no sentido de um sujeito unificado. Temas como sexualidade, maternidade, mercantilização do corpo, identidades fixas de gênero, combate à exploração sexual de meninas e ao turismo sexual e uma educação feminista em busca de um mundo mais justo são preocupações em comum desses vários grupos que reivindicam para si não apenas o feminismo como a especificidade juvenil.

A marca ‘jovem’ se dá a partir de sua localização geracional. Idade/Geração são realizadoras ou participantes das relações de poder e, portanto, uma análise de seus mecanismos possibilita a observação da construção de diferenças e de desigualdades sociais. O Manifesto do IX Encontro critica a

20 Trecho do manifesto. In: LUNA, Iéri. (2003). “E as mulheres jovens, gritam por quê?” In: Publicações CFEMEA (Centro Feminista de Estudos e Assessoria). Brasília: Fevereiro, 2003. [http://www.cfemea.org.br/publicacoes/artigos\\_detalhes.asp?IDArtigo=8](http://www.cfemea.org.br/publicacoes/artigos_detalhes.asp?IDArtigo=8), último acesso em 15 de janeiro de 2008.

21 Fernanda Grigolin ( Jovens Feministas de São Paulo) na Comissão Organizadora e Débora Nogueira (Movimento Jovem Feminista/AC) no Comitê Consultivo Nacional, além de um debate sobre juventude na programação principal e oito oficinas abordando vários aspectos que atingem a mulher jovem. In: <http://www.10feminista.org.br/pt-br>, último acesso em 15 de janeiro de 2008.

ausência de um diálogo igualitário, sinalizando a hierarquização do movimento feminista. Essas categorizações e posições fundam diversidades, diferenças e oposições entre indivíduos e entre coletivos. Separam mulheres e dificultam a sororidade desejada pelos feminismos, ou pelo menos grande parte deles.

Autoras têm demonstrado que a relação entre jovens e adultas (os) é sempre um lugar de conflito (MOTA, 2000; CELIBERTI, 2009), não necessariamente o conflito indesejável, mas um lugar de trocas de olhares e de renovação. E neste sentido, o feminismo tem sido sempre um espaço onde os conflitos são bem-vindos; Olympe de Gouges, uma das pioneiras feministas, no século XVIII, dizia: nós só temos paradoxos a oferecer. (SCOTT, 2002)<sup>22</sup>. Entretanto, se por um lado as jovens se queixam por serem tratadas diferenciadamente, por outro se levanta desconfiças sobre a forma como as críticas juvenis são orientadas no sentido de possibilidades de intercâmbios intergeracionais, como aponta Celiberti:

O feminismo abriu a possibilidade de que nós, mulheres, construamos-nos como sujeitos políticos, construtoras de nossa própria trajetória e, dessa perspectiva, abriu também o campo para a diversidade e a pluralidade. Contudo, a gestão dessas diversidades, muitas vezes, colocou o movimento como um elemento paralisante, ou ao menos infecundo, no sentido de motivar o debate de ideias, a confrontação intelectual, o enriquecimento teórico e político. Ao discutir com uma jovem, corro o risco de ser acusada de adultocêntrica; se uma jovem discorda de mim, talvez não consiga me separar do todo e coloque todas as “velhas” feministas no mesmo

saco. Então, aqueles caminhos, que abrimos e que representaram rupturas epistemológicas significativas, voltam a fechar-se em nossa prática política. A diversidade não é o espaço despolitizado para que cada um seja como quiser neste mundo consumista e mercantilista. Mas também não é a caça às bruxas do politicamente correto. Reconhecer a singularidade de cada uma – jovem, negra, lésbica, trabalhadora rural, operária e todas as infinitas combinações possíveis entre qualquer uma destas categorias nômades – significa, para mim, saber que cada uma vai me desafiar a olhar por um ângulo que eu não vejo e que, ao considerar esse ponto de vista, mudo totalmente a minha perspectiva. Mas é claro que também espero e desejo reciprocidade nesse intercâmbio (CELIBERTI, 2009:153).

Uma possibilidade de solução para esse impasse talvez seja a não confusão entre idade e geração, criando-se mais um binômio que tanto dificulta análises mais complexas a partir de uma perspectiva feminista. É necessário uma observação a partir das socializações, situada e interessada. Além de ouvir as novas idades, é pertinente pensar no que o feminismo “envelheceu” e em que aspectos sua agenda necessita renovar-se. (GONÇALVES & PINTO, 2011).

Para além dos conflitos, o que é importante salientar é que o feminismo não se encerrou na década de 70. Ao contrário do que muitos afirmam, as desigualdades de gênero persistem na sociedade brasileira e o feminismo, longe de dar os últimos suspiros, se encontra em pleno vigor e rejuvenescendo e, de certa forma, os conflitos acima citados representam a sua vitalidade e a potencialidade para os velhos e novos enfrentamentos. E parte dessa

22 Joan Scott se aproveitou desse raciocínio do paradoxo para repensar a história do feminismo em *A Cidadã Paradoxal: as feministas francesas e os direitos dos homens*, 2002.

renovação são as *riots grrrls*, com o seu feminismo musical e transgressor.

A formação de uma cultura feminista, um feminismo que se configura num estilo de vida que envolve música, escritos, estética, ativismo cotidiano, construção de espaços específicos para discutir suas demandas revela as variadas possibilidades de militância que o feminismo pode assumir. Ainda que muitas de suas questões sejam (re) atualizações dos feminismos de épocas anteriores e presentes, é inegável o seu caráter criativo, a sua originalidade em suas formas de expressão. E, assim, os feminismos estão em movimento constante de rejuvenescimento.

**Nota:** Este artigo é uma versão modificada da minha dissertação de mestrado. Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro, fundamental para a realização da pesquisa.



## Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. (1994). *Cenas Juvenis*. São Paulo: Ed. Página Aberta.
- BRITO da MOTTA, Alda. (2002). “Gênero e geração: de articulação fundante a “misutra indigesta””. In: FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher – NEM FFCH/UFBA. p. 35-49.
- BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.
- CAIAFA, Janice. (1985) *Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- CAMARGO, Michelle Alcântara. (2011). ““ Manifeste-se, faça um zine!”: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007)”. *Cadernos Pagu*, 36: 155-186 jan-jun.
- CELIBERTI, Lilian (2009). “Jovens feministas. Feministas jovens”. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel. (orgs.) *Jovens feministas presentes*. São Paulo: Unifem/Friedrich Ebert Stiftung/Ação Educativa. p.150-155.
- CHIDGEY, Red. (2007). “Riot grrrl writing”. In: MONEM, Nadine (ed.). *Riot Grrrl: revolution girl style now!*. Londres: Black dog. p.100-141.
- FACCHINI, Regina. (2011). “Não faz mal pensar que não se está só’: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo”. *Cadernos Pagu*, 36: 117-153, jan-jun.
- FAUSTO-STERLING, Anne. (2001/02). “Dualismos em duelo”. *Cadernos Pagu*, 17/18: 9-79.
- FEIXA, Carles. (1998). *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud*. Barcelona: Ariel.
- GONÇALVES, Eliane. (2007). *Vidas no singular: noções sobre mulheres “sós” no Brasil contemporâneo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, mimeo.
- GONÇALVES, Eliane; PINTO, Joana Plaza. (2011). “Reflexões e problemas da “transmissão” intergeracional no feminismo brasileiro”. *Cadernos Pagu*, 36: 25-46, jan-jun.
- LEBLANC, Lauraine. (1999). *Pretty in Punk: Girls’ Gender Resistance in a Boys’ Subculture*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- MELO, Érica Isabel de. (2008). *Cultura juvenil feminista Riot Grrrl em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, mimeo.
- Longman Dictionary of Contemporary English*. (1995). 3<sup>rd</sup> Edition. Longman: England.
- PINTO, Céli Regina Jardim. (2003). *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo.
- ROCHA, Débora Cristina de Melo. (2008). *Girl Gathering: a identidade feminista riot grrrl através dos fanzines*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Ciências Sociais), Centro de Educação e de Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe-UFSE, Aracaju, mimeo.

RODRIGUES, Fernanda Gomes. (2006). *O grito das garotas*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, Brasília, mimeo.

SAMPERT, Shannon. (2010). “Let Me Tell You a Story: English-Canadian Newspapers and Sexual Assault Myths”. *Canadian Journal of Woman and Law*. 22,2: 301-328

SCOTT, Joan. (2002). *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres.

SCOTT, J.W. (2000). “Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista”. *Debate Feminista (Cidadania e Feminismo)*, n. especial, p. 203-222.

Recebido em: 30/07/2012

Aceito em: 01/12/2012